

RESPEITÁVEL PÚBLICO

ALVES, Cirene Ferreira¹

O circo não evoluiu. Estacionou nas atrações que se repetem pelos anos. Palhaços, equilibristas, trapezistas e domadores apresentam os mesmos números dos anos de infância da geração adulta de hoje. Se a tradição reserva a Rômulo a primazia da organização das primeiras diversões para o povo, em séculos que a história guardou, de lá até nossos dias as figuras centrais das emoções e dos risos são as mesmas, sem a preocupação da avaliação do progresso, da televisão, do homem chegando à lua.

Assim alguém apreciava o circo dentro da filosofia realista com que os anos matam a infância.

Tenho, para mim, o circo como a mais ingênua das diversões para o espírito acordar a meninice que a lembrança mantém virgem.

Nada mais atual que o riso aberto, de orelha a orelha, na face caiada do palhaço. Mambembe que seja, o palhaço de circo é o riso em qualquer idade. As cambalhotas malucas pelo picadeiro e o esconder pudico da face pícara dentro da gola imensa do paletó roto divertem qualquer um. E o mágico equilíbrio em que ele mantém a série imensa de objetos vários sob os nossos olhos assustados, tropeçando daqui e dali. Afogado nos sapatões recurvos! Em cavalheiresca curvatura, vira-se até o chão para o agradecimento às nossas palmas quentes de gratidão, quando vemos, zangados, que tudo aquilo era desnecessário. Tudo falso como o rosto do palhaço. O equilíbrio que nos deslumbrara não tinha razão de ser. Os objetos estavam todos bem colados nas hastes em que ele os sustinha...

¹ Cirene Ferreira Alves nasceu em dezembro de 1920, em São José do Triunfo, Viçosa, Minas Gerais. Estudou no Colégio Carmo, trabalhou como professora e se aposentou do serviço público em 1977. Além de professora, foi presidente do Mobral, do Serviço de Obras Sociais, da Associação de Pais e Mestres e uma das fundadoras da creche comunitária SOS. Durante décadas, foi cronista do jornal *A cidade*, periódico viçosense, fundado por Geraldo Lopes de Faria. Os textos da coluna “Crônicas de Norah”, que mantinha no jornal, atualmente, estão publicados em dois livros da escritora, *Saudades em dois tempos* (2009, 2ª Edição) e *Páginas para serem lembradas* (2009). É membro da Academia de Letras de Viçosa.

Pena que as infâncias todas não tenham tido a enfeitá-las a graça espontânea de palhaços de circo. Que os Carequinhas não tenham enchido de lembranças o vazio de tantas vidas!

Com que olhos gulosos de expectativa e inveja acompanhávamos a garota cintilante, de sapatilhas de cetim e sombrinha de flores, sobre o fio de arame. A música dirigindo a emoção da gente, cessando quase, quando sentíamos que a equilibrista pretendia pular, rodopiar e manter-se novamente sobre o fio, no seu trabalho de ida e vinda.

Do trapézio nem é bom falar. Ainda fecho os olhos da imaginação no susto do salto mortal e só volto a abri-los quando as palmas explodem, anunciado que tudo deu certo.

Os olhos gulosos dos homens para as pernas bonitas das vedetes, quando pernas expostas eram coisa rara. Só em circo.

A marchinha furiosa da entrada do elenco, para a avaliadora apreciação da plateia impaciente, cansada de gritar: *tá na hora, tá na hora!*

O mestre de cerimônia ao saudar o respeitável público! Incluindo nesse respeito até a molecada a vaiar o amarra-cachorro que coloca no picadeiro os instrumentos de trabalho dos artistas.

São lembranças vivas, atuais, que os cartazes expostos nos muros da cidade vêm acordar na saudade da gente.

O circo não precisa modernizar. Precisa ser presente de vez em quando, na cidade da gente, é só. Para que cada infância possa sonhar com a moça do trapézio e do arame. Com a contorcionista, tão jovem, tão elástica! Com o moço de cetim berrante que sobe na escada e leva a moça nos ombros. Para que as infâncias enfastiadas de hoje, que veem na televisão o homem voltando da lua, tenham motivos com que sonhar. Imaginar-se correndo o mundo, de cidade em cidade, conhecendo gente nova, despertando paixões, sem se fixar em parte alguma nem em ninguém. Vendendo retrato à plateia. Ah! que isto era o coroamento de uma carreira invejada.

E por todas estas saudades agora acordadas é que morria de pena de não ver circo em nossa cidade, para a infância conhecer as emoções velhas, mas sempre recordadas com carinho e saudade, revividas com a alma travessa de aluno que mata aula.

Vou matar saudades. Desde o rosto triste da bilheteira que lembra seus tempos de ribalta, cedidos às mais novas, até as matusalênicas anedotas do palhaço. Tudo será saudade.

Irei faminta de risos fáceis, sofrerei os mesmos sustos, fecharei os olhos no salto mortal, só ouvirei o ronco da motocicleta no globo da morte, mas sairei de lá com a alma lavada de alegria.

Infância sem circo não é infância, pois não leva para a vida o de que recordar.

26 de junho de 1969.

ALVES, Cirene Ferreira. Respeitável público. In: *Saudade em dois tempos*: crônicas de Norah. 2 ed. Viçosa, 2009. 180 p.